



**ÁSIA /** À frente do mais importante cargo político da República Popular da China, presidente revela os novos membros do Comitê Permanente do Politburo, cercado-se de líderes fiéis a ele. Pela primeira vez em 25 anos, não há mulheres no quadro

# Os seis homens de Xi

Fotos: AFP



Após ter o nome confirmado à frente do PCC, Xi apresenta à imprensa internacional os políticos que terá a seu lado: critério de lealdade

Confirmado para o cargo de secretário-geral do Partido Comunista Chinês (PCC), o que abre caminho para um terceiro mandato, o presidente da República Popular da China anunciou ontem os outros seis nomes do Comitê Permanente do Politburo. Xi Jinping, 69 anos, cercou-se de homens fiéis a ele, quebrando um costume anterior, de se elegerem integrantes de diferentes facções do PCC. Pela primeira vez em 25 anos, nenhuma mulher faz parte do quadro, que inclui quatro novatos no órgão político mais poderoso do país. Todos, porém, são experientes líderes da legenda.

A escolha do Comitê Permanente não surpreendeu, embora um dos novos integrantes, Cai Qi, 66 anos, fosse um nome pouco cotado. Cai passou muitos anos na província de Fujian, mudou-se para Zhejiang e, mais recentemente, supervisionou os Jogos Olímpicos de Inverno. A ascensão dele na hierarquia do Politburo foi mais rápida do que o habitual, chamando a atenção para a indicação.

O segundo homem na hierarquia é Li Qiang, secretário do partido em Xangai, e que deve ser nomeado primeiro-ministro em março, quando Li Keqiang deixa o cargo. Li é considerado um dos líderes mais leais a Xi Jinping, o que pode justificar a escolha, apesar das críticas ao caos provocado pelo bloqueio prolongado por causa da covid-19 na maior cidade chinesa.

## Concentração de poder

A reeleição de Xi como secretário-geral do Partido Comunista, o cargo mais importante em termos de poder político na China, praticamente confirma o nome do líder para um novo mandato presidencial de cinco anos, a partir de março de 2023. Isto representa uma ruptura porque, desde o fim do regime de Mao Tsé Tung (1949-1976), a transição de governo na China estava institucionalizada: o presidente só poderia permanecer por dois mandatos, com uma duração máxima de 10 anos.

Em 2018, Xi Jinping conseguiu modificar a Constituição e suprimiu as restrições. Aos 69 anos, ele pode, em tese, presidir a República Popular da China até o fim de sua vida. "A reeleição de Xi Jinping é resultado de uma extrema concentração de seu poder pessoal", declarou à agência France Presse um cientista político chinês que pediu anonimato. "E não há nenhuma dúvida de que Xi deseja permanecer no poder pelo resto da vida."

Segundo o analista, a decisão "é catastrófica para a China" e prejudicial ao PCC porque antecipa "o declínio e a estagnação" da segunda maior economia mundial. "O partido e o país correm o risco de se tornar uma 'câmara de uma voz' onde apenas uma voz será ouvida. O líder supremo abandonou quase totalmente as reformas institucionais iniciadas por Deng Xiaoping e amplamente seguidas pelos ex-presidentes Jiang Zemin e Hu Jintao", disse, ao jornal britânico *The Guardian* Willy Lam, membro sênior da

## Clube dos sete

### Xi Jinping

O líder de 69 anos foi reeleito como secretário-geral do Partido Comunista, abrindo caminho para um terceiro mandato como presidente do país, o que deverá ser formalmente anunciado nas sessões legislativas do governo em março de 2023. Xi consolidou o poder desde que assumiu a Secretaria-Geral, em 2012, em parte graças a uma campanha de combate à corrupção que acabou com as carreiras de seus rivais políticos.



### Li Qiang

Líder do PCC em Xangai e um dos principais amigos de Xi, Li, de 63 anos, foi promovido como número dois na hierarquia partidária e pode ser designado como premiê em março. Sua imagem de estrela em ascensão foi abalada este ano pela gestão caótica de dois meses de confinamento em Xangai, em resposta a casos de covid-19.



### Zhao Leji

O ex-líder do principal organismo de combate à corrupção do Partido Comunista Chinês permanece no Comitê Permanente e foi promovido ao número três da hierarquia partidária. O administrador experiente de 65 anos foi secretário do partido em duas províncias e é membro do Politburo desde 2012, quando Xi Jinping ascendeu.



### Wang Huning

Considerado o czar ideológico de Xi e membro do Comitê Permanente, foi promovido para o posto número quatro na hierarquia partidária. Chamado de "cérebro por trás do trono", o ex-professor universitário de 67 anos estabeleceu as linhas ideológicas para três presidentes do país e é o criador do lema de Xi, o "Sonho Chinês".



### Cai Qi

O atual líder do partido em Pequim foi promovido ao Comitê Permanente e assume o comando da Secretaria-Geral, o que significa que administrará o dia a dia do PCC. O político de 66 anos é um aliado próximo de Xi desde o período em que trabalhou sob seu comando nas províncias de Zhejiang e Fujian.



### Ding Xuexiang

Discreto integrante do Politburo e assessor de Xi, foi promovido ao Comitê Permanente, aparentemente como prêmio por sua lealdade. O homem de 60 anos acompanha o presidente com frequência em compromissos oficiais e foi chefe do gabinete geral do PCC, mas nunca líder do partido em província nem governador.



### Li Xi

Atual integrante do Politburo e líder do partido na província de Guandong, uma potência econômica, sua nomeação para o Comitê Permanente também foi antecipada por analistas. Li, 66 anos, foi confirmado como chefe da poderosa Comissão Central de Inspeção Disciplinar, o organismo de combate à corrupção do partido.

Jamestown Foundation, um think tank com sede em Washington. Para ele, o 20º Congresso do Partido Comunista mostrou que "o culto à personalidade em torno de Xi se exacerbou".

No início do terceiro mandato do líder chinês, todos os olhares estão voltados para a economia do gigante asiático. Após décadas de crescimento expressivo, o país enfrenta atualmente uma grave desaceleração, acentuada por uma política inflexível de "covid zero", que gera muitos confinamentos.

Embora nos últimos anos Xi Jinping tenha priorizado o consumo e a demanda interna, a manutenção das restrições sanitárias dificulta a estratégia. Na semana passada, em um gesto incomum, a China adiou, sem apresentar explicações, a divulgação dos resultados trimestrais de crescimento. "Com a magnitude das restrições, é pouco provável que o consumo recupere o nível anterior à covid", opina o economista Dan Wang, do banco chinês Hang Seng.

Os setores do turismo, transportes e restaurantes foram muito afetados. A conjuntura também atingiu o outrora lucrativo ramo imobiliário que, junto com a construção, representa 25% do Produto Interno Bruto da China. Várias empresas lutam, atualmente, para sobreviver.

Após o encerramento do congresso do PCC, falando a jornalistas chineses e estrangeiros, Xi afirmou que a economia chinesa é resiliente. "A China não pode se desenvolver isolada do mundo. O desenvolvimento do mundo também precisa da China", afirmou.

## Tensões

As dificuldades econômicas são registradas no momento em que as relações entre a China e as potências ocidentais são cada vez mais tensas. As divergências são numerosas: controle autoritário em Hong Kong, repressão da minoria uigur em Xinjiang (moroeste), guerra na Ucrânia, rivalidade tecnológica com Estados Unidos, entre outros. "O mundo passa por mudanças inéditas em um século", reconheceu Xi Jinping na abertura do congresso do Partido Comunista.

Em um cenário como esse, a segurança nacional aparece como prioridade, destacam analistas. Pela primeira vez, o partido incluiu em seus estatutos uma menção à "firme oposição" à independência de Taiwan. Pequim considera a ilha de 23 milhões de habitantes parte de seu território, embora Taiwan tenha um governo democrático próprio há mais de 70 anos.

As tensões a respeito da ilha aumentaram com Washington, após a visita em agosto da presidente da Câmara de Representantes dos Estados Unidos, Nancy Pelosi. Pequim considerou a viagem uma afronta à sua soberania e organizou pouco depois os maiores exercícios militares de sua história ao redor de Taiwan. "A reeleição de Xi Jinping pode constituir um elemento (...) que aumente o risco de um conflito armado", opina Dan Macklin, analista que mora em Xangai.

## REINO UNIDO

AFP



Saída do ex-premiê da disputa abre caminho para Rish Sunak

# Johnson desiste de candidatura

Numa mudança inesperada de atitude, o ex-primeiro-ministro britânico Boris Johnson desistiu de disputar a liderança do Partido Conservador, ontem, a poucas horas do prazo final para a apresentação de candidaturas. Com isso, o caminho fica livre para o ex-ministro das Finanças Rishi Sunak, derrotado em agosto por Liz Truss, que renunciou ao cargo na última quinta-feira. Sunak confirmou, ontem, que vai concorrer novamente.

O prazo para a apresentação

das candidaturas termina às 14h de hoje (10h de Brasília). No comunicado em que informou a desistência, Johnson fez questão de destacar que havia obtido o apoio de pelo menos 100 parlamentares — número mínimo para entrar na disputa.

"Infelizmente, nos últimos dias cheguei à conclusão de que simplesmente não seria o correto. Não se pode governar com eficácia se não há um partido unido no Parlamento", assinalou

Johnson, na nota. O polêmico ex-premiê se declarou convencido de que teria "uma boa chance de voltar a Downing Street".

A desistência de Bojo pode abrir o caminho para a designação do Sunak, agora o único candidato com os 100 apoios exigidos. A outra candidata na disputa, a ministra das Relações com o Parlamento Penny Mordaunt, está longe de conseguir essa adesão.

Embora contasse com apoio desde a renúncia de Truss, Sunak,

de 42 anos, decidiu oficializar a candidatura apenas ontem. "O Reino Unido é um grande país, mas enfrentamos uma profunda crise econômica", escreveu no Twitter o ex-executivo do setor bancário, que foi ministro das Finanças de 2019 até julho deste ano. "É por isso que estou concorrendo para ser o líder do Partido Conservador e seu próximo primeiro-ministro. Quero ajustar nossa economia, unir nosso partido e trabalhar pelo nosso país", acrescentou.